



KnoWhy #690



Setembro 29, 2023

Como a fidelidade e a graça estão relacionadas à mão direita?

“Tiago, Cefas e João, que eram considerados como colunas, reconhecendo a graça que se me havia dado, deram-me a destra da comunhão, e a Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles, aos da circuncisão”.

Gálatas 2:9

O conhecimento

Ao relatar aos novos membros da Igreja na Galácia os eventos recentes de uma conferência geral de liderança da Igreja realizada em Jerusalém, Paulo menciona que “Tiago, Cefas e João, que eram considerados como colunas”, segundo ele — um antigo perseguidor da Igreja — que havia realmente recebido a graça do Senhor. Por causa disso, eles deram a Paulo e Barnabé “a destra da comunhão”, como preparação para sua missão de pregar aos gentios (Gálatas 2:9). Além de relacionar esse conceito à graça, Paulo prossegue discutindo sobre como ele agora vivia “a fé do Filho de Deus”,

relacionando estreitamente seu recebimento da graça a sua fidelidade recíproca.

O símbolo usado por Paulo da “destra da comunhão” teria sido familiar a um público antigo, no contexto da relação entre graça e fé. Seria especialmente verdadeiro para o público greco-romano de Paulo, que tinha fé em alta estima (pistis em grego e fides em latim) e até adorava uma deusa com o mesmo nome.

É interessante notar que Brent J. Schmidt observou recentemente que as deusas Pistis e Fides estavam ambas relacionadas ao uso de rituais de aperto de mão

direita na cultura e religião greco-romana. Segundo a lenda romana, a Fides estabeleceu Roma através da “reconciliação, paz e unidade” usando “medidas equilibradas, juramentos e instituições” em contraste com o violento Rômulo. Fides e Pistis tornaram-se tão honradas que eram vistas por alguns como iguais a Zeus em poder e autoridade. Essas comunidades helênicas sob convênio utilizavam um aperto de mão direito para representar as mesmas medidas por meio das quais a Fides estabeleceu Roma, considerando essa ação ritual como uma ação apropriada ou “símbolo” para “unidade, reconciliação e divinização”.

Esse ritual de aperto de mão, relacionado à Fides, foi considerado “um elo de devoção que ligava o humano e o divino”. Como visto em muitas esculturas clássicas preservadas, o aperto de mão também era empregado em cerimônias de casamento, na esperança de que marido e mulher se reunissem na vida após a morte. Ele também era usado nos templos para fazer convênios, cada um com um juramento e uma maldição para aqueles que quebrassem suas promessas aos deuses.

Menções semelhantes a um aperto com a mão direita são encontradas em toda a Bíblia, no Velho e no Novo Testamento. Em todos os Salmos, por exemplo, o rei e o salmista descrevem o fato de tomar o Senhor pela mão direita em Seu templo. Isso é feito quando o poder e a autoridade são concedidos ao peticionário do templo, ou o peticionário é elevado à presença do Senhor. Esses símbolos foram estudados por muitos santos dos últimos dias, incluindo Hugh Nibley, Stephen D. Ricks, David Rolph Seely e David Calabro, demonstrando como o aperto da mão direita era um aspecto autêntico e original da adoração no templo israelita.

Esse ritual de apertar as mãos continuou no início do cristianismo, que se baseava fortemente no templo israelita e em seu Grande Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Por exemplo, o apóstolo Pedro usou um aperto de mão ao curar um coxo nos portões do templo: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno” (Atos 3:6-7). João usou a mão direita de Jesus em todo o Apocalipse como um símbolo do relacionamento fiel das pessoas com Ele, e os primeiros escritos e tradições cristãs associavam esse aperto de mão a Jesus conduzindo as almas justas dentre os mortos.

A arte cristã primitiva também retratava os santos justos subindo ao céu tomando o Senhor pela mão direita, tendo estendido Sua mão através de um véu celestial. A tradição cristã também retratava casamentos usando esse mesmo aperto de mão: por exemplo, um mosaico do século V retrata “o casamento de Moisés e Zípora”, no qual Jetro, o sumo sacerdote, une os dois enquanto “a noiva e o noivo unem as mãos direitas”.

As bênçãos recebidas neste ritual do aperto de mão direita são concedidas pela graça de Deus a todos os que são fiéis a seus convênios. Ao relacionar estreitamente “as mãos direitas da comunhão” com os conceitos de fé (pistis) e graça (charis), o público de Paulo teria sido capaz de entender melhor o significado desse evento ritual de investitura de autoridade, bem como de outras ordenanças corretas do Evangelho que haviam sido espelhadas de perto em suas tradições religiosas anteriores.

O porquê

Ao receberem qualquer presente de uma pessoa superior, todas as pessoas que viviam no mundo do Novo Testamento naturalmente se sentiam ligadas e obrigadas àquele que concedeu o favor. Elas retribuíam esse favor sendo fiéis e leais a essa pessoa. Assim, a palavra grega pistis (fé) estava profundamente relacionada às ideias de fidelidade, unidade e reconciliação. E uma vez que o aperto da mão direita foi usado com expressões de Pistis nas tradições religiosas greco-romanas e judaicas, essa palavra prontamente transmitiu um conjunto totalmente novo de significados dentro da igreja cristã primitiva e ainda hoje: membros totalmente fiéis e leais receberiam poder e autoridade para se tornarem como Deus, entrarem em Sua presença e desfrutarem das bênçãos de uma família eterna por meio de ordenanças do templo, incluindo esse ritual de aperto de mão.

O aperto de mão poderia ser usado entre duas partes para estabelecer um relacionamento mutuamente benéfico, semelhante a como um aperto de mão firme ainda hoje expressa unidade e apoio mútuo entre todos os que trabalham juntos em Sião. Isso pode ser visto na menção da mão direita de Paulo. Enquanto Paulo e Barnabé receberam o poder e a autoridade para espalhar o Evangelho aos gentios, Pedro, Tiago

e João levaram sua missão para áreas próximas de Jerusalém e Israel. Cada missão beneficiaria uma à outra e a toda a Igreja, como um todo.

O público de Paulo, já familiarizado com a maneira pela qual um aperto de mão poderia unir as pessoas entre si e com o divino, teria encontrado nas ordenanças cristãs um padrão verdadeiro que eles só conheciam, por assim dizer, “por [um] espelho, bem enigma” (1 Coríntios 13:12). Tendo sido apresentados ao Evangelho de Jesus Cristo, batizados e feito convênios com o Senhor, eles e nós experimentamos as verdadeiras bênçãos de tomar a mão direita da irmandade na graça de Jesus Cristo e por meio dela.

O Senhor declarou por meio de Joseph Smith que “em suas ordenanças [do Reino de Deus] manifesta-se o poder da divindade” (Doutrina e Convênios 84:20). Ao servirmos ao Senhor e fazermos convênios com Ele, podemos ser abençoados com esse conhecimento de que estaremos seguros em Seu amor e que um dia entraremos em Sua presença mais uma vez, para nunca mais sair.

Leitura complementar

Brent J. Schmidt, Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness (Provo, UT: BYU Studies, 2022), pp. 87–118.

Hugh Nibley, The Message of the Joseph Smith Papyri: An Egyptian Endowment (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2005), pp. 427–457.

Hugh Nibley, “Apocryphal Writings and the Teachings of the Dead Sea Scrolls”, em Temple and Cosmos: Beyond this Ignorant Present (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1992), pp. 264–335.

2. Para saber mais sobre os usos que Paulo faz da graça e da fé, consulte os seguintes artigos da Central do Livro de Mórmon, “O que a graça significava para Paulo? (Romanos 3:23–24)”, KnoWhy 683 (15 de agosto de 2023) e, “Como Paulo entendia a fé? (Romanos 9:30)”, KnoWhy 684 (25 de agosto de 2023).
3. Tal como acontece com outros deuses da religião romana, Fides era o equivalente romano da deusa grega Pistis. Ver Brent J. Schmidt, Relational Faith: The Transformation and Restoration of Pistis as Knowledge, Trust, Confidence, and Covenantal Faithfulness (Provo, UT: BYU Studies, 2022), p. 89. Como tal, a discussão de qualquer uma dessas deusas pode ser entendida como se referindo ao mesmo ser mítico.
4. Schmidt, Relational Faith, pp. 89–90.
5. Schmidt, Relational Faith, p. 90.
6. Schmidt, Relational Faith, p. 92.
7. Schmidt, Relational Faith, p. 93.
8. Ver Schmidt, Relational Faith, p. 93.
9. Ver Schmidt, Relational Faith, pp. 93–95.
10. Para uma discussão sobre o uso desse símbolo no Velho Testamento, especialmente conforme encontrado nos Salmos, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que o salmista fala sobre “segurar na mão de Deus”? (Salmo 73:23–24)”, KnoWhy 642 (19 de agosto de 2022).
11. Ver, por exemplo, Hugh Nibley, “Apocryphal Writings and the Teachings of the Dead Sea Scrolls”, in Temple and Cosmos: Beyond this Ignorant Present (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City: Deseret Book, 1992), pp. 278, 296, 300–301, 304–305, 308–311, 315–317; David Rolph Seely, “The Image of the Hand of God in the Book of Mormon and the Old Testament”, in Rediscovering the Book of Mormon: Insights That You May Have Missed Before (Provo, UT: FARMS, 1991), pp. 148–150; Stephen D. Ricks, “Dexiosis and Dextrarum Iunctio: The Sacred Handclasp in the Classical and Early Christian World”, FARMS Review 18, no. 1 (2006): pp. 431–436; Matthew B. Brown, “The Handclasp, the Temple, and the King”, Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 42 (2021): pp. 421–426; David M. Calabro, “The Divine Handclasp in the Hebrew Bible and in Near Eastern Iconography”, Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 45 (2021): pp. 37–52.
12. Ver Apocalipse 1:16; 5:1, 7; e 10:2.
13. Ver Schmidt, Relational Faith, pp. 106–107.
14. Ver Schmidt, Relational Faith, p. pp. 107–113 para uma discussão mais aprofundada de muitas representações desse aperto de mão ritual.
15. Schmidt, Relational Faith, p. 111.
16. Para outros usos da mão direita nos convênios atuais, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que tomar o sacramento com a mão direita? (1 Coríntios 11:26)”, KnoWhy 686 (1 de setembro de 2023).



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. Para mais informações sobre o Concílio de Jerusalém, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que o Concílio de Jerusalém foi importante? (Atos 15:5–6)”, KnoWhy 680 (24 de julho de 2023).